

Literatura e Teologia – gênero literário e texto bíblico

Resumo:

Esta comunicação propõe uma inversão na temática do simpósio, estabelecendo como primeiro elemento a literatura para, em seguida e como decorrência, apresentar a teologia. Para tanto, analisa a relação entre gênero literário e a composição do texto bíblico, mais particularmente do evangelho de Mateus. A tese proposta é que o gênero da biografia greco-romano delimita e organiza os conteúdos do evangelho canônico. O gênero é apresentado em uma perspectiva contextual e literária de modo a salientar sua importância e uso no contexto da literatura anterior e contemporânea à literatura neotestamentária. Aspectos definidores da biografia greco-romana como a seleção de dados para a construção da biografia, o caráter do biografado como modelo a ser seguido, e a identificação do biografado por intermédio de suas palavras e atos são determinantes para a escrita do evangelho de Mateus. Por fim, propõe-se uma interpretação da função sócio-religiosa do evangelho, enquanto biografia, junto a seus primeiros leitores.

Palavras-chave: literatura, gênero literário, biografia greco-romana, evangelho de Mateus, recepção.

1 Introdução

Na atualidade, a identificação do gênero literário de uma obra é tarefa por vezes impossível devido ao aspecto fragmentário da literatura. Embora ainda se possa tentar manter a divisão clássica que postulava a tríplice divisão aristotélica: epopéia, drama e lírica, há uma intencionalidade explícita de subverter as classificações, fruto da desestruturação e maior complexidade que a sociedade atual, como um todo, vivencia.

Na Antigüidade a situação era outra. Ainda que houvesse certa flexibilidade, os gêneros eram bem determinados. Tal situação nos leva a indagar a respeito do gênero literário do evangelho de Mateus. Nesta comunicação pretendo defender a biografia greco-romana como gênero do evangelho.

2 Origem da biografia greco-romana

O termo “biografia”, como nomeação específica de gênero literário, não foi cunhado até o final do século V d.C. Até então escritores gregos usavam a palavra *bios* e os romanos *vita* para designar tal literatura. Convém admitir que o século IV a.C. é marco do surgimento da biografia, tendo nascido com Aristoxeno¹, filósofo peripatético e aluno de Aristóteles. Ele escreveu, entre outras, as biografias de Pitágoras, Sócrates e Platão.

A biografia romana surgiu sob influência de sua congênere grega. É provável que tenha penetrado em Roma por volta do século I a.C. (MOMIGLIANO, 1993, p. 103). Atribui-se ao historiador romano Cornélio Nepo² sua paternidade (BURRIDGE, 1999, p. 76). Sob o império romano, a biografia focou a relação entre a vida e a morte, sendo seu protagonista o sábio, o mártir, o santo, o rei, o escritor e o filósofo. Tais homens eram exemplos não apenas do modo como se deveria viver, mas também de como encarar a morte.

O ponto alto das biografias greco-romanas foi atingido com as obras de Tácito³, Plutarco⁴ e

¹ Cerca de 350 a.C. (cf. as opiniões de KÖSTER, 1988, p. 183; BURRIDGE, 1999, p. 72; LESKY, 1969, p. 721-722).

² 99 a.C. – 24 a.C.

³ Por volta de 56 d.C. a 120 d.C.

Suetônio⁴, logo após os evangelhos canônicos terem sido escritos. Esses autores seguiram a tradição biográfica grega. Em função dos interesses deste estudo, Plutarco recebe destaque. Após concluir os estudos em Atenas, viajou por todo o império, permanecendo em Roma por vários períodos, de onde se tornou cidadão. Voltou-se para uma diversidade de temas⁶, dentre os quais se encontra a biografia, presente principalmente em sua obra *Vidas paralelas*⁷, na qual coloca lado a lado a vida de grandes homens gregos e romanos.

A biografia romana, assim como a grega, exerceu uma função que extrapolou os limites literários. Utilizada para contar a história dos césores, por exemplo, foi igualmente veículo de crítica e de expressão de sentimentos contrários a eles. Ao ressaltar a importância de Sócrates como modelo para as biografias romanas, Elsom comenta: “No período romano, era possível retratar um filósofo que criticava o Império romano como um Sócrates contemporâneo, especialmente se ele fosse executado [...]” (1997, p. 605-606).

3 Características da biografia greco-romana

Em função do caráter flexível assumido pela biografia greco-romana, torna-se útil definir quais seriam as características básicas e aquelas que seriam identificadas como secundárias. Charles Talbert elabora bons sumários desses itens e se constituirá na base dos parágrafos que seguem (1988, p. 55-60; 1992, v. 1, p. 746-748).

Uma *primeira característica* é que o biografado deve ser uma figura “distinta ou notória (reis, generais, filósofos, figuras literárias, legisladores, santos) e que o objetivo da exposição deve ser a essência da pessoa” (TALBERT, 1988, p. 55, grifo do autor, tradução nossa). Esse elemento de distinção e particularidade é fundamental, visto que diferencia a biografia de outros gêneros, como a história, por exemplo, que situava os feitos de uma pessoa dentro de um amplo quadro político e social. É da natureza da biografia procurar aquilo que Plutarco chama de “sinais da alma” do biografado (1992, v. 4, 1, p. 133).

Um *segundo elemento de caracterização* é a seletividade com a qual a biografia era escrita. Esse aspecto é um dos itens que novamente distingue a biografia da história, visto que esta “buscava fornecer um relato detalhado em termos de causas e efeitos” (TALBERT, 1988, p. 56, tradução nossa), agregando a maioria de dados possíveis para sua elaboração. A seletividade, por sua vez, procurava realçar o caráter do biografado. Para atingir esse fim, um dos principais critérios de seletividade era a descrição ética do indivíduo.

De outro lado, há *as características secundárias da biografia*. Inicialmente, segundo Talbert, “não é correto descrever a antiga biografia como um relato da vida de um homem do nascimento até sua morte” (1988, p. 56, tradução nossa). Cita as obras de Nepo, *Miltiades*, *Aristides*, *Pausanias*⁸, como exemplos de biografias que iniciam com a vida adulta do herói. Outras, diferentemente, começavam com o nascimento e terminavam antes da morte do protagonista, como em *Vida de Augusto*⁹, de Nicolau de Damasco, que se encerra com a entrada de Augusto na Guerra Civil.

Em *segundo lugar*, “o herói é descrito por intermédio de suas ações e também por meio de gestos insignificantes ou de palavras sem importância” (TALBERT, 1988, p. 56, tradução nossa).

⁴ Cerca de 47 d.C. a 120 d.C.

⁵ Viveu entre 69 d.C. e 141 d.C.

⁶ Cf. lista com a descrição dos vários tópicos tratados por Plutarco, bem como das obras que os compõem, em LESKY, 1969, p. 852-861.

⁷ A obra é datada em um período que cobre o início do século II d.C. até pouco antes da morte do escritor.

⁸ Fazem parte de seu livro: *Vida de eminentes comandantes*, escrito entre 35-32 a.C.

⁹ Escrito no século I a.C.

Isso remete novamente à citação de Plutarco, para o qual “uma palavra ou brincadeira” (1992, v. 4, 1, p. 133) permite identificar a natureza das pessoas, mais do que a descrição de grandes batalhas das quais tenham participado.

Em *terceiro lugar*, “não há praticamente nenhum interesse em traçar o desenvolvimento do biografado” (TALBERT, 1988, p. 56, tradução nossa). Entre os autores biográficos não existiam preocupações psicologizantes e subjetivas, bem como não registravam etapas cronológicas para emoldurar os períodos da vida de uma pessoa. Ao contrário, ela era descrita de modo acabado.

Quarto, “algumas biografias traziam como objetivo afetar o comportamento ou opinião de seus ouvintes positiva (cf. Plutarco) ou negativamente (cf. *Alexandre*¹⁰, de Luciano de Samosata); outras parecem não ter tido um objetivo propagandístico evidente” (TALBERT, 1988, p. 56, grifo do autor, tradução nossa). A influência positiva se daria mediante a imitação, o que não implicava uma mera repetição do modelo proposto, mas o aprendizado de como se postar diante da vida e de situações que gerariam um comportamento próprio daquele que buscava o modelo. A influência negativa se manifestaria pela exposição ao ridículo do biografado.

Quinto, “a ‘vida’ de um biografado poderia ser descrita em termos mitológicos” (TALBERT, 1988, p. 57, tradução nossa). Como exemplos podem ser mencionadas as biografias de *Rômulo*, por Plutarco; e a de *Augusto*¹¹, por Suetônio. Em geral, o emprego do mito se dava para descrever a ação de heróis na fundação de cidades, impérios, religiões e escolas filosóficas.

Sexto, “a forma literária na qual as ‘vidas’ são apresentadas é variável. A forma dominante é a narrativa em prosa similar à história, com a exceção de que ela usa anedotas e não tem preocupações com causa e efeito” (TALBERT, 1988, p. 57, tradução nossa). Outras expressões literárias poderiam ser empregadas, no entanto. Exemplos são a *Vida de Eurípides*¹², de Sátilo, escrita em forma de diálogo, bem como o uso do encômio e de ditos do biografado.

Sétimo, “antigas biografias exerciam uma multiplicidade de funções sociais” (TALBERT, 1988, p. 57, tradução nossa). Vários componentes secundários à caracterização da biografia retornam neste item. Dentre as funções sociais podem ser citadas: (1) Apresentar o biografado como figura ideal levando seus leitores a aceitarem sua autoridade ou imitar seu modo de vida; (2) defender o biografado contra o entendimento equivocado da parte de seus seguidores ou de estranhos, de modo que sua verdadeira personalidade fosse revelada e sua influência exercida; (3) desacreditar o biografado mediante sua exposição ao ridículo; (4) indicar onde a verdadeira tradição se encontra no presente. Essa perspectiva manifesta-se principalmente nas biografias de fundadores de escolas filosóficas; (5) servir como uma ferramenta hermenêutica para legitimar o ensino do biografado, mostrando que sua vida corresponde ao seu ensino ou para fornecer uma chave interpretativa para a leitura de suas obras (TALBERT, 1988, p. 58-59).

4 Biografia e o evangelho de Mateus

Na busca pelos critérios de análise para a relação Mateus - biografia, cito um item emprestado de Graham Stanton: analisar conjuntamente “forma e conteúdo” da obra (1992, p. 62). A este se acresce outro, proposto por David Aune, ao indicar a “função” do evangelho como tema a ser pesquisado (1987, p. 32).

¹⁰ Escrito por volta de 180 d.C., critica um falso sacerdote de Asclépio que empresta seu nome ao título da obra.

¹¹ Pertence à obra *A vida dos doze cézares*, escrita por volta de 120 d.C.

¹² Escrita no início do século II a.C.

4.1 A forma do evangelho e a biografia

Para o estudo da relação forma-conteúdo do evangelho, retorno à caracterização da biografia apresentada por Talbert. Dela pode-se concluir, quanto à forma, que o evangelista trabalhou seletivamente o material na composição do evangelho. Tal certeza se depreende da relação sinótica entre Mateus e suas fontes. Da principal delas, o evangelho de Marcos, o evangelista mantém quinhentos e oito versículos, de um total de seiscentos e sessenta e um. Cento e cinquenta e três são omitidos. Os textos provenientes de Marcos recebem retoques, alterações e ampliações, permitindo que participem dos propósitos pelos quais Mateus foi escrito. Além disso, o evangelista selecionou outro material que não compartilha com os demais evangelistas, usualmente intitulado de fonte M, em um total de 330 versículos, o que representa quase trinta e um por cento em relação aos mil e sessenta e oito versículos que compõem o evangelho¹³. Pela mera indicação dos números percebe-se que há, quantitativamente, um processo seletivo evidente.

O acréscimo da Narrativa da Infância ao evangelho, capítulos um e dois, indica, a título de exemplo, o caráter seletivo que pretendia tornar Mateus mais próximo da biografia do que sua fonte, Marcos¹⁴, uma vez que apresenta as origens de Jesus Cristo de conformidade com os elementos descritivos da origem do biografado: indicações de ascendência nobre, cidade e pátria (BERGER, 1998, p. 314). Dessa forma, os ancestrais de Jesus são alistados em uma genealogia (1.1-17), dentre os quais se destaca o rei Davi (1.1); é relatada a vinda de magos do Oriente para adorar a criança, reconhecendo-a como rei (2.1-12); e José, Maria e a criança fogem para o Egito, temendo a ameaça representada pelo rei Herodes (2.13-23). Após a morte daquele que pretendia assassinar a criança, sua família retorna à Palestina e informa-se o local para onde se dirige: Nazaré (2.23).

Outro elemento relativo à forma do evangelho de Mateus, e que, segundo Berger, tem recebido pouca atenção dos estudiosos (1998, p. 313), é a apresentação de Jesus acompanhado continuamente por discípulos. Para ele, o escrito tinha origem entre participantes de um grupo após a morte de seu líder, com o objetivo de manter e de seguir seu exemplo (1999, p. 80). Em boa parte das vezes isso ocorria em círculos filosóficos.

É significativo que logo após o batismo e a tentação de Jesus (3.13-17; 4.1-11), que introduzem seu ministério público (4.17), o evangelista insira o chamado dos primeiros discípulos, a dupla de irmãos Pedro e André, Tiago e João (4.18-22). Eles já estão com Jesus no momento em que profere o primeiro discurso registrado no evangelho (cp. 5-7). Outros são citados sem que se mencione seus nomes (5.1; 8.23). Em 9.9 há outro chamado, o do coletor de impostos Mateus. Em 10.1-4 Jesus escolhe 12 discípulos, aos quais se atribui o título de apóstolos. Eles são ensinados durante todo o ministério de Jesus, ênfase didática do evangelho, e este, ressurreto, atribui a eles a missão de transmitirem os ensinamentos a outros, do mesmo modo como o receberam (28.19-20). Tais descrições aproximam o evangelho de Mateus às biografias de filósofos, escritas para propagar os seus ensinamentos e os de sua escola.

4.2 O conteúdo do evangelho e a biografia

Seguindo para a análise de conteúdo do evangelho, o ponto central na biografia é a apresentação do caráter do biografado, a revelação de sua essência. A descrição se dá de forma acabada. O personagem principal surge e, no transcorrer do texto, permanece inalterado (BERGER, 1998, p. 313). Não há interesse em mostrar como evoluiu, assimilou valores e permitiu-se

¹³ Os restantes duzentos e trinta versículos dizem respeito ao material que Mateus compartilha com Lucas, proveniente da fonte Q.

¹⁴ O evangelho de Marcos apresenta Jesus em sua vida adulta. A primeira referência a ele é: “Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galiléia e por João foi batizado no rio Jordão” (1.9).

transformar na interação com pessoas e situações.

Ao invés de traçar o desenvolvimento do personagem, antigos escritos biográficos, de Platão em diante, geralmente começavam e terminavam com a vida adulta do personagem [...] Os evangelhos também mostram pouco interesse no desenvolvimento do personagem, apresentando Jesus, do começo ao fim de seu ministério, essencialmente do mesmo modo, fazendo com que suas ações e palavras mostrem o tipo de pessoa que ele era (STANTON, 1974, p. 123, tradução nossa).

A citação apresenta dois elementos essenciais. O primeiro, confirmando o que foi dito no parágrafo acima, indica o elemento uno, imutável e final com o qual o protagonista é descrito. O segundo aponta o caminho pelo qual seu caráter se manifestava nas biografias greco-romanas. “Nos escritos biográficos antigos (incluindo Mateus), há uma convenção profundamente enraizada pela qual as ações e palavras de uma pessoa definem o caráter de um indivíduo mais adequadamente do que os comentários de um observador” (STANTON, 1992, p. 70, grifo do autor, tradução nossa).

Jesus é caracterizado pelo narrador com dois títulos no primeiro versículo do livro: “Cristo, filho de Davi e filho de Abraão”. Mas há outro - “filho de Deus”, que para Kingsbury (1986, p. 37) e Hagner é o principal (1993, v. 1, p. lxi). O *status* explica-se pelo fato de que, embora os demais tenham importância por terem sido nomeados pelo narrador, este é diferenciado, surgindo da boca de um personagem especial, o próprio Deus. No batismo de Jesus ele interfere pessoalmente declarando: “este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (3.17).

No contexto da relação entre Deus e Jesus, este constantemente dirige-se a Deus como “meu Pai” (7.21; 10.32; 11.25-27; 12.50; 15.13, etc.). O título representa, então, uma síntese e ao mesmo tempo a plenitude a que os demais títulos chegam. A exclamação de Pedro a Jesus constrói essa relação: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” (16.16). O Cristo, enviado, não é outro senão o próprio Filho de Deus.

Retornando para a correlação entre o evangelho e as biografias greco-romanas, é mister lembrar que a consciência de filiação divina de Jesus, desde os primeiros momentos, é compartilhada com certas biografias antigas. Ela está presente na biografia de Alexandre. Segundo Plutarco, ele: “Costumava ser altivo com os bárbaros e dava-lhes a impressão de estar absolutamente convicto de sua filiação divina; com os gregos, porém, era mais moderado e discreto nesse ponto” (1992, v. 4, 28, p. 161).

Volto-me, agora, para a expansão e explicitação do caráter de Jesus mediante ações e palavras. Há uma estreita ligação entre a identificação de Jesus e o exercício de sua missão. A conexão se encontra no anúncio e prática do “reino dos céus”. A pregação de Jesus tem nessa expressão seu conteúdo (4.17; 5.3, 19-20; 7.21; 8.11, etc.). Ela manifesta a esfera de domínio divino à qual o ser humano deve submeter-se (4.17), implicando uma vida de justiça (5.20) entendida como submissão às determinações divinas (7.21). Sinônimo de reino dos céus é a expressão “Pai que está nos céus” (5.16; 6.9; 7.11, 21, etc.). Essa relação indica que o Senhor do reino dos céus é o Pai de Jesus Cristo, conforme explicitado no batismo (3.16-17) por intermédio da voz vinda do “céu”. Portanto, Jesus, em sua relação íntima com Deus, representa a expressão da vontade divina aos homens.

A partir dessa característica é que os discursos devem ser entendidos. Destaque-se que o ensino de Jesus visava os discípulos bem como as multidões (5.1). Estas eram compostas por “[...] doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos; endemoninhados, lunáticos e paralíticos” (4.24), as quais fascinavam-se com a autoridade com que as ensinava (7.29; 9.8).

As ações de Jesus Cristo, igualmente, manifestavam o reino dos céus, revelando seu caráter de filho de Deus. A chegada do reino trouxe consigo sinais daquilo que seria a realidade plena no futuro. Não haveria mais doenças, morte, pecado e a ação do diabo. Por conseguinte, quando Jesus

operava uma ação de poder, ela se constituía em sinal antecipatório da presença definitiva do reino. Ao expulsar um demônio, Jesus é explícito: “Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é *chegado o reino de Deus* sobre vós” (12.28, grifo nosso).

O reconhecimento de que algo inusitado e poderoso se manifestava pelos atos de Jesus era uma constante entre o povo. Sua fama se propagava (9.26, 31), sua autoridade para operar milagres era afirmada (8.5-9), e seus milagres mediante uma mera palavra eram testemunhados publicamente (8.16). Ao presenciar as muitas curas efetuadas por Jesus, o povo “glorificava ao Deus de Israel” (15.31). Os próprios discípulos se surpreendiam com os feitos poderosos de Jesus. Ao vê-lo andando sobre o mar e permitindo que Pedro também o fizesse, os discípulos exclamam: “Verdadeiramente és filho de Deus” (14.33). Eis novamente a relação entre um ato poderoso de Jesus e o reconhecimento de sua relação filial com Deus.

4.3 Função do evangelho como biografia

Resta perguntar pela função pela qual o evangelho foi escrito na forma biográfica. A tarefa se justifica pela necessidade de não entendermos a escolha do gênero como algo mecânico, simples fruto da influência do meio sobre o escritor. Certamente esse foi um dos fatores, mas o principal deles se encontra em uma escolha deliberada tendo em vista objetivos específicos.

Das características da biografia greco-romana apresentadas por Talbert anteriormente, duas serão destacadas neste momento: manifestar o biografado como representante da verdadeira tradição, principalmente relacionada com escolas filosóficas; e defendê-lo contra interpretações equivocadas de seus seguidores ou de estranhos.

Descrever Jesus como representante da verdadeira tradição pressupõe uma tradição falsa ou pelo menos conflitante. Esse aspecto pode ser constatado nas disputas entre Jesus e os religiosos judeus. Em seu primeiro discurso Jesus afirma: “não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (5.17). Na seqüência, no entanto, ela questiona a interpretação da lei: “Ouvistes que foi dito aos antigos [...] eu, porém, vos digo [...]” (5.21). A frase se repete (5.27, 33, 38, 43), contendo afirmações do Antigo Testamento como os mandamentos para não matar (Ex 20.13), não adulterar (Ex 20.14) etc. Jesus tem em vista a interpretação dos antigos, ou seja, da tradição, propondo sua substituição. No caso da proibição do assassinato, segundo Jesus, a norma legal contempla não apenas o ato físico, mas também a ira ou o insulto contra um irmão (5.22). Do mesmo modo, quanto ao adultério, Jesus radicaliza afirmando que qualquer pessoa que olhar com olhos impuros para uma mulher já adulterou com ela em seu coração (5.28).

Desses exemplos depreende-se que há uma disputa a respeito da verdadeira interpretação do Antigo Testamento. O evangelho tem, enquanto biografia, o propósito de apontar Jesus como o representante da correta compreensão do texto sagrado. Assim como nas escolas filosóficas, o objetivo é prover seus discípulos com o ensino a ser seguido e, ao mesmo tempo, indicar o ensinamento equivocado.

A última correlação entre a função da biografia e a do evangelho diz respeito à elucidação de interpretações equivocadas a respeito de Jesus, tanto da parte de seus seguidores quanto de seus oponentes. Já foi dito que o evangelho de Mateus identifica o caráter de Jesus por meio de palavras e ações. O item estudado neste momento é um aprofundamento daquele, focando de modo específico as interpretações errôneas da parte de seus seguidores e antagonistas, bem como propondo o foco correto.

O texto citado acima a respeito da validade da lei (5.17) é representativo do tipo de correção que o evangelista introduz para reorientar o entendimento dos seguidores de Jesus. Ao apresentar suas palavras: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas [...]”, o autor tem em vista uma interpretação equivocada, segundo a qual Jesus viria libertar os fiéis da guarda da lei. Para estes,

Jesus afirma: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (5.18). Outro exemplo encontra-se nos requisitos do discipulado. Jesus corrige as expectativas dos discípulos: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra” (10.34-35). Tais palavras teriam como destino os cristãos que estariam se escandalizando com os problemas familiares em decorrência da fé assumida.

Os equívocos corrigidos diziam respeito, acima de tudo, às críticas da parte dos opositores do cristianismo. Diante da expulsão de um demônio por Jesus, os fariseus murmuravam: “Pelo maior dos demônios é que expele os demônios” (9.34). Respondendo à questão da parte dos fariseus sobre o dever ou não de pagar tributos a Roma, Jesus responde: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (22.21). Muito provavelmente esse assunto está ambientado no período em que o evangelho foi escrito e tem como base a acusação de judeus a cristãos por não participarem das contribuições ao império. Um último exemplo se encontra na tramoia preparada por sumos sacerdotes e fariseus ao subornarem os guardas que vigiavam o sepulcro onde repousava o corpo de Jesus para que estes dissessem, diante da notícia de sua ressurreição, terem os discípulos roubado o corpo. De acordo com o evangelista: “Esta versão divulgou-se entre os judeus até o dia de hoje” (28.15).

Os exemplos apresentados para ilustrar as funções do evangelho enquanto biografia greco-romana apontam para os objetivos pelos quais o texto foi escrito. Ao fazê-lo, o evangelista trabalhou com dois horizontes: o da história e o dos leitores. Usando a terminologia de Genette, no texto narrativo temos a presença da história propriamente dita e da narração, o modo pelo qual o narrador conta a história de modo particularizado (1995, p. 25). A história de Jesus é apresentada com atualizações que a tornam relevante àqueles que a leem. Com isso, volta-se ao propósito da produção do evangelho enquanto gênero biográfico. Este, além das questões contextuais que o apontam como o gênero mais disponível, seria indicado por trabalhar com um processo seletivo, que permitiria maior amplitude para o desenvolvimento ficcional. Assim organizado, o evangelho exerce, enquanto biografia, o papel de atualizar as palavras e ações de Jesus junto ao leitor dos anos 80 d.C.

Conclusão

O objetivo desta comunicação foi demonstrar que o gênero literário não é apenas uma convenção mecânica, mas se torna um elemento retórico que direciona o processo de comunicação ente autor e eleitores. Nesse sentido, ele cumpre seu objetivo, uma vez que, como salienta Jonathan Culler (1999, p. 75), o gênero literário propõe convenções e expectativas a seus leitores. A aplicação específica de tal enunciado se deu na análise do evangelho de Mateus enquanto biografia greco-romana.

A partir das características identificadas e suas ocorrências no evangelho estudado, pode-se concluir que o gênero se torna o canal pelo qual a teologia do evangelista se expressa e é modulada. Ou seja, a literatura e suas convenções são fundamentais para a constituição da teologia.

Referências Bibliográficas

- AUNE, David E. *The New Testament in Its Literary Environment*. Philadelphia: The Westminster Press, 1987. 260 p.
- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998. (Coleção Bíblica Loyola, no. 23). 366 p.
- BURRIDGE, Richard A. *What Are the Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*.

New York: Cambridge University Press, 1999. 292 p.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Guardini T. Vasconcelos, São Paulo: Beca, 1999. 140 p.

ELSOM, Helen. O Novo Testamento e a escrita greco-romana. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank, (Eds). *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp. 1997. p. 601-618.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995 (Coleção: Vega Universidade). 276 p.

HAGNER, Donald A. *Matthew 1-13*. Dallas: Word Books, 1993, v. 1 (Word Biblical Commentary). 935 p.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3. ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1413 p.

KINGSBURY, Jack Dean. *Matthew*. 2. ed. Philadelphia: Fortress, 1986. (Proclamation Commentaries). 133 p.

KÖSTER, Helmut. *Introducción al Nuevo Testamento: Historia, cultura y religión de la época helenística e historia y literatura del cristianismo primitivo*. Tradução de Javier Lacarra y Antonio Piñero. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988. (Biblioteca de Estudios Bíblicos, n. 59). 905 p.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography*. Expanded ed. Cambridge: Harvard University Press, 1993. 143 p.

PLUTARCO. *Vidas paralelas*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso. São Paulo: Paumape, 1992. v. 4. 258 p.

STANTON, Graham N. *A Gospel for a New People: Studies in Matthew*. Louisville/Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1992. 424 p.

_____. *Jesus of Nazareth in New Testament Preaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974. 207 p.

TALBERT, Charles H. Biography, Ancient. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.) *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, v. 1, 1992, p. 745-749.

_____. Once Again: Gospel Genre. *Semeia*, Atlanta, n. 43, p. 53-73, 1988.